

## AUSÊNCIA DE MANSUETO BERNARDI

Itálico José Marcon  
Promotor Público em Porto Alegre

### I

Onde solidão maior  
que a tua, poeta morto,  
sob o peso da terra  
e deste céu de chumbo?

— As nuvens não descansam  
em seu retido curso,  
em chuva transformadas  
de súbito.

Onde o canto inocente  
dos teus vindimadores  
na vindima sangrenta  
das parreiras em flor ?

— As uvas se esparramam  
no vivo da montanha  
com o mesmo sabor  
que a si próprio inflama.

Onde a paz do teu vale  
e o vermelho do ipê  
florindo sobre a grama  
que te recobre os pés ?

— Os frutos se oferecem  
para a boca presente  
com a simplicidade  
que te acompanhou sempre.

### II

Onde estão tuas colheitas  
dócil agricultor  
das lavouras celestes ?  
Tuas hortênsias, teus lírios  
e os esperados filhos  
que não tiveste ?

Quem cuida agora  
dos compridos pinheiros,  
das oliveiras  
e do roxo agapanto ?

Quem apascenta o gado,  
virgiliano pastor,  
quando a noite desaba  
e se instala nas casas ?

Quando a noite surpreende  
nas fronteiras da sombra  
a tua Vila deserta  
como um corpo que tomba ?  
Como um corpo que cai  
no profundo da terra  
onde jazes maduro,  
todo inteiro, concluso?

### III

Pelo campo lavrado  
as flores recolhidas  
bebem o orvalho  
e as constantes lembranças  
que sempre me perseguem  
por tudo e se propagam  
inquieta e tamanhas.

### IV

As horas passam céleres  
e o coração  
bate fundo, implacável,  
como no ferro  
um sabre.

### V

Aqui estou, solitário,  
circunscrito ao teu jugo  
e ao convite insistente  
dos enterrados lábios.

Hoje sei que te cumpres  
nesta tumba de pedra  
que nos ombros carregas  
e te serve de escudo.

Tão humilde te estendes  
como sempre viveste:  
franciscano e desnudo  
no teu leito perene.

Tuas raízes e tua vida  
germinam e se espalham  
no tapete da aurora  
em vegetal presságio.

E todo o cemitério  
do Lajeado  
de súbito emudece  
e contigo repousa.

E ficas permanência  
exata e luminosa  
e ao meu olhar te constróis  
ressuscitada rosa.

## VI

Agora enfim descansas,  
apaziguado,  
em bem-aventurança  
e celestial presença,  
reflorescido  
em claridade extrema,  
com os teus olhos vivos  
e a tua poesia serena.